

EDITORIAL

TRABALHO FORÇADO AFRICANO-EXPERIÊNCIAS COMPARADAS

José Capela

Pretendendo acompanhar e, de alguma maneira, estimular o que se afigura constituir uma crescente curiosidade historiográfica pelas formas de escravatura e de prestação de trabalho da mão-de-obra africana, o Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto reuniu em colóquio investigadores que apresentaram os trabalhos ora publicados. Porque se tratava da comparação de experiências, a homogeneidade temática perdeu na limitação dos contornos mas a diversidade geográfica e de situações concretas enriqueceu a informação contribuindo para a confirmação da universalidade do fenómeno no tempo e no espaço. Na era da globalização por excelência estaremos, porventura, na melhor posição para abarcar essa mesma universalidade e dar-mo-nos conta da natureza dos seus fundamentos materiais e humanos.

Não é sem regozijo que a iniciativa permite constatar um renovado interesse pela historiografia da escravatura africana em Portugal. À envergadura das reminiscências materiais e de carácter etnológico que essa escravatura deixou no terreno não corresponde uma investigação historiográfica susceptível de abarcar a dimensão de presença tão marcante na metrópole colonial. Os trabalhos contemplando essa área geográfica ilustram o interesse que lhe está a ser emprestado e a qualidade da resposta. O mesmo se poderá acrescentar relativamente à atitude da política oficial portuguesa face à escravatura e à sua abolição. Os problemas, nomeadamente diplomáticos, criados a Portugal foram do maior vulto e repercutiram-se indelevelmente não apenas no seu futuro de potência colonial mas sobretudo no seu devir histórico. Também a manifestação simbólica depositada no imaginário e expressa na literatura popular. A ideologização do colonialismo como facto histórico inelutável, se não mesmo benfazejo, prevaleceu-se de uma forte assunção popular. Desde o desembarque dos escravos em Lagos, espectáculo que converteu os cépticos à aventura colonial (Zurara), até ao acume da afirmação imperial («Angola é nossa», o *slogan* omnipresente, também cantado pelos recrutas em treino para a guerra), acções da maior eficácia nessa ideologização. O levantamento exaustivo e a análise das expressões do «imaginário colonial», que subsistem, têm aqui uma sugestão e um incentivo não negligenciável.

O tráfico transatlântico de escravos constituindo, em perspectiva global, o núcleo temático que sobre si mais tem atraído a intervenção de estudiosos, é

igualmente contemplado com novas informações e análises que sobremaneira enriquecem o seu conhecimento.

A variedade e a especificidade das questões emergentes directamente da prestação de trabalho e os contextos sociais em que se inserem levantam problemas semânticos e epistemológicos que se patenteiam desde a abordagem documental das realidades comezinhas até à forma literária da sua exposição. O trabalho prestado pelos escravos, o trabalho «forçado» ou «compelido», o trabalho decorrente do «contrato [?]», o trabalho dos «serviçais» - amostragem morfológica com a maior carga simbólica - são tratados em contextos vários e as comunicações que os abordam contribuem decididamente para a decifração dos casos postos.

Que a questão da equivocidade morfológica e epistemológica é um facto comprova-o a necessidade que instâncias internacionais como a Sociedade das Nações e a Organização Internacional do Trabalho sentiram para obterem a definição de «escravatura» a adoptar nas convenções. Afinal a escravatura continua a ser uma questão da pós-modernidade!

A comunicação abordando a formação dos preços dos escravos reveste-se de importância particular pelo facto de a análise incidir na área porventura a mais nebulosa do tráfico.

Permanecendo embora uma atitude nostálgica inconsequente, a invocação da grandeza imperial subsiste. Integrada na mesma consciência recursiva situa-se a desvalorização se não o desprezo pela memória de quanto é entendido como indo em desfavor da glória colectiva. Para análise da escravatura e seu tráfico na era moderna retomam-se velhos paradigmas como o da redução do seu perfil histórico a mera continuidade de práticas ancestrais nas sociedades de África.

Os estudos aqui apresentados pretendem ser um contributo para o avanço do conhecimento nesse tempo e nesse espaço históricos que tanto nos dizem respeito.

Pretendem igualmente ser a primeira tentativa para a sistematização de encontros sobre esta temática, que tanto tem para ser actualizada e debatida interdisciplinarmente.

Claude Meillassoux (1925-2005)

Já depois de este número estar concluído, o Conselho de Redacção da revista Africana Studia soube do falecimento de Claude Meillassoux.

C. Meillassoux não era apenas uma referência do pensamento teórico da antropologia; era igualmente um investigador empenhado na explicação das sociedades africanas contemporâneas.

A sua obra alterou substancialmente a discussão sobre as relações sociais pré-capitalistas, nomeadamente o parentesco, a escravatura e o tráfico de escravos mas a sua influência sobre a investigação social das gerações seguintes foi bem mais longe; contribuiu sobretudo para colocar na agenda interdisciplinar a *historicidade* e, com ela, a vontade de transformar o mundo.

Através desta simples nota, a revista Africana Studia e a Comissão organizadora do II Colóquio “Trabalho forçado Africano - experiências coloniais comparadas”, a realizar em Novembro próximo, associam-se à homenagem internacional que indiscutivelmente merece.

